

São Paulo, 16 de janeiro de 2012

## **Naufração do Concordia - Despreparo em caso de uma emergência?**

*por Alexandre Yokote*

Acabamos de assistir ao naufrágio de um navio cruzeiro (Concordia) na costa italiana após colisão com uma rocha. Mesmo com o histórico de similaridades, por exemplo com o Titanic, parece que faltou experiência ou reconhecimento do risco. Relatos em mídia informam sobre o caos que se formou nos instantes após a colisão, dentre os quais, falta de coletes, comunicações atrasadas e equivocadas por tripulantes, brigas e tumultos, desespero, falta de orientação e assim por diante.

Esses navios, como outras embarcações de grande porte, normalmente possuem plano de emergência que descreve os procedimentos, responsabilidades e recursos em caso de um incidente, dimensionados para a quantidade de tripulantes e passageiros esperado.

Não estamos aqui discutindo a questão do Concordia ter ou não um Plano de Emergência, mas sim ao fato das partes envolvidas conhecer os riscos e as ações de emergência em caso de um incidente.

Um relato comentou que demorou uma hora para a evacuação da embarcação. Quando há simulados nos prédios comerciais, às vezes a brigada comenta sobre o tempo de abandono do prédio, 5 ou 15 minutos, qual o máximo admissível? Primeiro, o tempo admissível para o abandono é variável de caso a caso em função das características que propiciam a propagação do fogo, fluxo de fumaça, quantidade de residentes fixos e variável do estabelecimento, isolamento da rota de fuga, dentre outros. O único problema é que normalmente não somos preparados para diagnosticar se o tempo está adequado para o nosso caso e portanto não conseguimos concluir satisfatoriamente.

No projeto dos prédios e outros recintos, inclusive as embarcações, são levados em consideração a questão da emergência e tempo de fuga, mas nem sempre isso é repassado a quem irá residir, trabalhar ou usufruir destes estabelecimentos.

Outro problema que normalmente presenciamos são as alterações em layout e obstruções de passagens, mudando o resultado de todos os cálculos de mecânica de fluidos na modelagem de fuga. Alerta-se também ao fato de em alguns casos se constatarem a falta da quantidade adequada de recursos de emergência (exemplo, máscaras de fuga em uma planta fabril com gás de alta toxicidade, colete salva vidas, botes e assim por diante) ou falta de reposição ou de manutenção.

Por último e mais comum estão a falta de treinamento e simulado, além da falta de comunicação ou falha de comunicação sobre o que fazer em caso de uma emergência aos funcionários e demais público exposto. É natural que as pessoas expostas ao risco entrem em desespero quando estão com risco de morte, por isso a comunicação e treinamento ajudam na preparação e são cruciais.

Finalizamos aqui com esta recomendação: tenha um plano de emergência e acima de tudo faça a difusão, conscientização e treinamento quanto às responsabilidades, ou seja, tenha o documento e faça a implantação, não o deixe numa gaveta. Os planos de emergência são provas em caso de omissão e negligência numa futura investigação.